

**SAIR PARA RESISTIR: AS REDES DE RELAÇÕES SOCIAIS NO
PROCESSO MIGRATÓRIO DE NORTE MINEIROS**

*LEAVE FOR HOLD OUT: THE NETWORKS OF SOCIAL RELATIONS IN
THE MIGRATION PROCESS OF NORTE MINEIROS*

Maria Cecília Cordeiro Pires¹
Victoria Pinho e Godinho²
Andréa Maria Narciso Rocha de Paula³

^{1 2 3}Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES
mariacecilia1942@hotmail.com, victoria.godinho@hotmail.com

³Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
andreapirapora@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo constitui-se em uma reflexão sobre as migrações no sertão norte mineiro, a partir das pesquisas realizadas pelo Projeto de Pesquisa *Do sertão para outros mundos: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho do/no Norte de Minas Gerais*, através do Grupo de Estudos e Pesquisas *Opará/Mutum*, e das discussões de categorias como lugar, identidade, territorialidade, tradição e desenvolvimento. Temos com objetivo compreender as migrações do e no sertão norte mineiro onde embora, seja estigmatizado como lugar de expulsão, a saída vem se mostrando como forma resistência e permanência dos sertanejos e que vão se configurando a partir de redes de relações sociais. Para alcançar os objetivos propostos realizamos uma pesquisa qualitativa, dando voz para os sujeitos migrantes que vivem o processo da migração, utilizamos de técnicas de pesquisa etnográfica, como entrevistas livres e observação participante. E assim pretendemos compreender a trajetória desses migrantes, onde a necessidade de buscar trabalho faz com que saiam do sertão para outros mundos e na travessia vão criando estratégias, saberes e redes de relações sociais para a manutenção do processo.

Palavras-Chave: Migração; Sertão Norte Mineiro; Redes de Relações Sociais; Resistência.

ABSTRACT

This study is a reflection on migrations in the sertão norte mineiro, based on research carried out by the Projeto de Pesquisa *Do sertão para outros mundos: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho do/no Norte de Minas Gerais*, through the Grupo de Estudos e Pesquisas *Opará/Mutum*, and the discussions of categories such as place, identity, territoriality, tradition and development. We aim to understand the migrations of in the sertão norte mineiro where, although it is stigmatized as a place of expulsion, the exit has been shown as a form of resistance and permanence of the sertanejos and that are being configured from networks of social relations. In order to reach the proposed objectives, we conduct a qualitative research, giving voice to the migrant subjects who live the process of migration, we use ethnographic research techniques, such as free interviews and participant observation.

And so we aim to understand the trajectory of these migrants, where the need to seek work causes them to leave the sertão to other worlds and the crossing are creating strategies, knowledge and networks of social relations to maintain the process.

Keywords: Migration; Sertão Norte Mineiro; Networks of Social Relations; Resistance.

INTRODUÇÃO

Este artigo constitui-se em uma reflexão sobre as migrações no sertão norte mineiro, a partir do estudo de algumas importantes categorias como *lugar, identidade, territorialidade, tradição e desenvolvimento*.

Para compreendermos o sertão dos Gerais, buscamos caracterizar a região e as migrações dos seus sertanejos e sertanejas, analisando as transformações nas pessoas e nos lugares em função das migrações do e no sertão, através da etnografia do modo de vida, trabalho e cotidiano.

Na tentativa de avançar nessa discussão pretendemos responder algumas questões emergentes: O que é o sertão norte mineiro? Quais as modificações acarretadas com as migrações sertanejas? O que se propõe ou já se propôs como política pública para o lugar? Os migrantes norte mineiros formam uma rede de relações sociais?

Procuramos refletir a princípio sobre a identidade sertaneja, o Norte de Minas e sua diversidade de lugares e povos. Posteriormente, a fim de entendermos as políticas públicas pensadas para a região, optamos por discorrer sobre a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) criada em 1959, e sobre os incentivos por parte do governo federal para a modernização do campo. Adentrando então, na malha migratória dos sujeitos do lugar.

O artigo se constitui como uma revisão teórica e bibliográfica da temática, mas com o intuito de melhor refletirmos sobre as migrações, optamos por discorrer sobre nossa experiência de pesquisa no Grupo de Estudos e Pesquisas do São Francisco – Opará/Mutum, através do Projeto de Pesquisa *Do sertão para outros mundos: as redes de relações sociais nos processos migratórios para o trabalho do/no Norte de Minas Gerais*. O objetivo da pesquisa é estudar e analisar como ocorre a formação e a manutenção das redes de relações sociais nos processos migratórios de trabalhadores sertanejos, a partir da experiência de famílias que vivenciam a migração para o trabalho nos municípios de origem e em algumas capitais receptoras.

Para alcançar os objetivos propostos estamos realizando uma pesquisa qualitativa, dando voz para os sujeitos migrantes que vivem o processo da migração. Nos trabalhos de campo utilizamos técnicas etnográficas, tais como, entrevistas livres, observação e o diário de campo, isso tudo em junção com as entrevistas semiestruturadas em profundidade. Para tanto usamos gravadores e máquina fotográfica, para arquivar as informações que servirão para organização do acervo, juntamente com a composição do diário de campo. E assim pretendemos compreender a trajetória e história de vida de alguns migrantes norte mineiros.

As análises de Sayad (1998) tornam-se importante para nosso estudo, tendo em vista que referimos à migração como um processo social complexo, de saída e chegada, de presença e ausência, para além do deslocamento geográfico. O autor caracteriza a imigração (1998) como um *fato social total*, para ele essa definição é uma das poucas nos estudos migratórios que gera concordância entre a comunidade acadêmica. “[...] todo o itinerário do imigrante é, pode-se dizer, um itinerário epistemológico, um itinerário que se dá, de certa forma, no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de inúmeras disciplinas [...]” (Idem, p. 15)

Dizer que a imigração é um *fato social total*, é falar da sociedade como um todo, em sua dimensão diacrônica (perspectiva histórica) e em sua extensão sincrônica (estruturas e funcionamentos presentes da sociedade), sem separar isso da emigração. (Idem, p.16). Assim, acontece o esforço epistemológico e de pesquisa sobre este tema multiforme.

O SERTÃO NORTE MINEIRO: LUGAR DE EXPULSÃO?

Falar do sertão norte mineiro como lugar de expulsão é pensar através dos estigmas que permeiam seu significado. Cabe salientar, que optamos por tratar aqui da categoria lugar a partir de Augé (1993) como um local preenchido de sentidos e significados pelo grupo que o vivencia e elabora sua visão de mundo a partir de sua relação com o ambiente que vive, no qual encontra uma posição, ou seja, um lugar, nele imprimindo seus modos de vida, de organização espacial, construindo assim, um território.

Para entender o sertão norte mineiro, buscamos pensá-lo através da sua história de ocupação, os municípios do norte de Minas tiveram uma ligação histórica de proximidade com o Nordeste brasileiro, sendo que no período colonial pertenciam às Capitânicas da Bahia e de Pernambuco. Segundo Costa (2007, p. 1-2) “o norte de Minas é uma região com formação social, cultural e histórica específica, tendo na atividade pastoril a base a partir da qual, essas múltiplas populações construíram suas culturas específicas”. Apoiado em seu processo de formação histórica a região demonstra apresentar uma diversidade de culturas, saberes, valores, bem como características particulares de costumes.

De acordo com Paula (2009) podemos compreender que:

O sertão mineiro teve a sua composição organizacional fundada nas grandes fazendas de gado, nas propriedades herdadas dos tempos do Brasil colônia, no sistema de capitânicas hereditárias, e no período do ciclo do ouro. As fazendas de gado do Nordeste seguiram as margens do Rio São Francisco e alcançaram o Norte de Minas, trazendo a pecuária extensiva e a marcha dos latifúndios que se tornaram características da ocupação e estruturação regional. (Idem, p.65)

Alguns estudos apontam assim, para a formação de uma *Cultura Sertaneja*, o que Costa (1997) vai abordar em suas análises sobre os fenômenos sociais junto a agrupamentos humanos no norte de Minas Gerais:

No território norte-mineiro, em função da maneira como o homem aqui se localizou, estruturou-se um modo peculiar de vida a partir do criatório de gado bovino de forma extensiva que viabilizou o estabelecimento de relações com o ambiente e as populações, bem como a fixação de modos de comportamento intra e interlocalidades. Essa maneira peculiar de vivência social, alguns estudiosos regionais classificam de “cultura sertaneja”. (COSTA, 1997, p. 77)

Para o autor, a compreensão rigorosa do local (sertão), e do sujeito que nele se localiza (sertanejo), coloca-se como fonte da complexidade norte mineira. A partir da relação entre sujeito e local, configura-se uma cultura diferente daquelas que foram impostas como modelo e referência de civilidade: a dos bandeirantes, a dos baianos e a dos mineiros. Explorando o que entende por uma “lógica” específica, vislumbra um *modus operandi* típico do sertanejo, que o diferencia culturalmente dos seus modelos de sujeito, tornando-o outro sujeito, que não é paulista, baiano, nem mineiro, mas sim

norte mineiro. Este, então, seria uma síntese de vários grupos étnicos, com seus traços identitários próprios, dotados de uma maneira singular de ver o mundo.

O território norte mineiro foi constituído pelos grandes fazendeiros, sitiantes, parceiros e agregados, que tinham na figura do coronel uma solução de “problemas”. A organização da vida aconteceu com as lógicas diferenciadas, através das regras consuetudinárias¹, da interação pela solidariedade, vínculos de parentesco, vizinhança e compadrio, isso em níveis diferenciados, proporcionando a perpetuação das hierarquias, principalmente entre fazendeiros e agregados.

A conclusão do autor aponta que a sociedade sertaneja é resultante de uma pirâmide hierárquica, no topo o coronel e na base os agregados, vizinhos e compadres. Com a urbanização da economia nacional, a solidariedade econômica foi rompida e significou uma desestruturação da organização produtiva e a desagregação da cultura que afetou a família camponesa, pois o ganho de status para a cidade acabou desvalorizando a vida rural. Ele diz que:

[...] a cultura sertaneja expressa-se, atualmente, em tais níveis diferenciando, opostos entre si: por um lado a existência do mundo tradicional – nas liminaridades do sistema, frouxamente vinculado à lógica capitalista de produção e por outro, o mundo urbano que chegou gerando rupturas. (Idem, p.95)

Assim, o sertão pode ser compreendido com um lugar de grandes diversidades, mas ainda marcado por estigmas de uma região atrasada economicamente e politicamente, referida como lugar de expulsão. Esse significado dotado ao norte de Minas refletiu nas políticas públicas propostas para a região.

AS LÓGICAS DO DESENVOLVIMENTISMO IMPOSTAS AO SERTÃO NORTE MINEIRO

Existe um embate de lógicas e racionalidades diferentes que além de ideologias se estabelecem nas políticas públicas. O sertão norte mineiro de características pluviométricas parecidas com o semiárido nordestino foi afetado juntamente por ações que visavam à superação do entrave da seca, para assim promover o desenvolvimento da região. Dentre essas, podemos citar as propostas vinculadas a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, e os impactos dos incentivos à modernização do meio rural.

A SUDENE foi criada pela lei nº 3.692 de 15 de dezembro de 1959. Compreendia-se o Nordeste como os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, juntamente com a área mineira compreendida no Polígono das Secas (grande parte dos municípios do Norte de Minas). O objetivo era implantar políticas públicas para promover e coordenar o desenvolvimento do Nordeste brasileiro afetado pela irregularidade pluviométrica e dentro de um contexto considerado de baixo desenvolvimento econômico.

O projeto foi elaborado pelo economista Celso Furtado, que na época era diretor do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE). A SUDENE veio com a expectativa de propiciar a superação dos estigmas do semiárido, da seca e do desenvolvimento da região, porém, houveram dificuldades de execução em alguns fatores, e para melhor compreensão dos desafios encontrados citaremos a experiência dos projetos destinados para o sertão norte mineiro.

¹ Sistema normativo que se fundamenta no costume conformado de acordo com as práticas constantes de um grupo social específico.

Nos municípios do norte de Minas incluídos na SUDENE, a indução para o crescimento econômico se deu com a concentração dos incentivos do Estado em quatro eixos principais: grandes projetos agropecuários; industrialização; reflorestamento e projetos de irrigação (RODRIGUES, 2000).

Todavia a concepção e execução de alguma política através do conceito de desenvolvimento é uma tarefa muito complexa, pois muitas vezes este conceito está ligado a uma tentativa de homogeneização que acaba por desqualificar modos diferentes de vida, em busca de alcançar o almejado progresso. E essas ações transformam totalmente o lugar e por isso as mobilidades são estimuladas:

O desenvolvimento ocupa o centro de uma constelação semântica incrivelmente poderosa. Não há nenhum outro conceito no pensamento moderno que tenha influência comparável sobre a maneira de pensar no comportamento humano. Ao mesmo tempo, poucas palavras são tão ineficazes, tão frágeis e tão incapazes de dar substância e significado ao pensamento e ao comportamento. (ESTEVA, 2000, p.61).

Dessa forma, nos questionamos: desenvolvimento para quem e para quê? Uma vez que em nome do desenvolvimento, modos de vida são transformados, e famílias e sujeitos precisam migrar, seja para permanência na terra, em busca de melhores condições de vida e trabalho ou em decorrência de projetos desenvolvimentistas, como a monocultura de eucalipto, as mineradoras, barragens hidrelétricas, entre outros.

Em 1965, a SUDENE abre seu escritório na cidade de Montes Claros - MG, estimulando a chegada de muitas empresas, o que acarretou num aumento de migrantes para a cidade. Oriundos de várias localidades rurais e de cidades menos industrializadas migravam motivados pela procura de melhores trabalhos e condições de vida, como os nossos estudos apontam.

Em maio de 2001, a Superintendência foi extinta e posteriormente substituída pela Agência de Desenvolvimento do Nordeste (ADENE), assim:

A transformação da Sudene em Agência de Desenvolvimento do Nordeste, envolta em escândalos de corrupção e favorecimento de empresas de velhos coronéis da região, não traz boa nova para a maioria da população sertaneja. Como em um túnel do tempo, continua-se a observar os deslocamentos de trabalhadores do campo e suas famílias rumo ao município mais urbanizado de sua região ou, então, para o Sudeste do Brasil. Mudam-se as relações de trabalho, na medida que cada vez mais diminuem as ocupações com carteira profissional e aumenta a informalidade. (PAULA, 2003, p.61)

Então, concordamos com a autora, no sentido de que as mudanças acarretadas pela Agência de Desenvolvimento do Nordeste não foram estruturais ou tampouco conseguiram alterar as práticas coronelistas marcantes na região, tivemos uma tentativa de auxílio ao “desenvolvimento”, que pelos fatores apontados pela autora, não possibilitou resultados favoráveis.

Levando em consideração a crítica de Esteva (2000) ao conceito de desenvolvimento, juntamente com as contribuições de pesquisadores locais que apontam que a SUDENE não conseguiu quebrar com as desigualdades da região, percebemos que muitas vezes em busca do tão almejado “desenvolvimento” há uma desqualificação e interferência nos modos de vida, cultura e identidade das populações locais, e que a esse preço, ainda assim, não conseguem superar as desigualdades estruturais que insistem em prosseguir.

Dessa forma, os sertanejos entram nas travessias não por ser o sertão um lugar de expulsão, mas muito em decorrência de políticas públicas que também são áridas.

Outro fator que influenciou os deslocamentos populacionais foi o processo de modernização do campo.

Nas décadas de 1970, após o período de instalação de indústrias pesadas, o Brasil passa a ter condições de avançar em mais uma fase de industrialização. Começam a instalar fábricas de máquinas e insumos agrícolas, como por exemplo, tratores, fertilizantes químicos, rações, medicamentos veterinários, entre outros. Após a instalação desse novo ramo industrial teve-se a necessidade de criar um novo mercado consumidor para esses novos meios de produção, assim como nos chama atenção Silva (1996). O Estado então cria uma série de políticas de incentivo para a modernização do campo, dotadas de um discurso de desenvolvimento que estimulam a compra dessas novas tecnologias. Passávamos a conviver com uma nova fase de industrialização, uma industrialização da agricultura, bem como uma ideologia de modos de vida urbanos no meio rural.

A rápida industrialização e modernização do campo não significaram em uma diminuição das desigualdades e sim em um “problema agrário” como pontua Martins (1975). O crescimento industrial denotou em mesma medida um crescimento da população urbana, e o crescimento do mercado local de produtos agrários em um crescimento de maiores oportunidades no setor urbano. Ou seja, houve uma quebra na relação entre o mundo rural e o urbano, deixando de existir predomínio da economia rural.

Ocorreu não apenas um rápido crescimento de cidades e populações urbanas – observou-se, também, a rápida elaboração de uma ideologia urbano, em função dos problemas que o processo suscitava, sublinhadora dos valores concebidos, então, como típicos das cidades e a elas inerentes. O aumento da densidade demográfica nos meios urbanos ou em urbanização, estimulado pela *imigração nacional e estrangeira* de pessoas com ou sem tradição urbana, promoveu ou incentivou a quebra da solidariedade mecânica, a dissolução ou enfraquecimento dos caracteres comunitários do sistema social. Esse processo, associado à redefinição das funções manifestas das cidades, apoiou-se nos próprios fundamentos novos, econômicos, da existência cidadina. Referiu-se tanto ao funcionamento de um mercado livre de trabalho, como à “liberdade de enriquecimento”, de alcançar o “êxito”, que marcou a ideologia das populações adventícias especialmente em São Paulo. (MARTINS, 1975, p. 2, *grifos do autor*)

Assim, a cidade passa a exercer uma imagem positiva, do lugar das oportunidades, gerando uma atração de pessoas em busca de melhores condições de vida. Caracteriza-se o mundo e a cultura rural como o lugar do atraso, do caipira preguiçoso e doente. O sertanejo norte mineiro vê seus territórios, seus modos de vida e reprodução menosprezados por uma lógica capitalista, onde as transformações econômicas influenciaram suas vidas e assim, estimularam a mobilidade dos moradores.

Nesse sentido, as características da cultura sertaneja do norte de Minas Gerais são aporte para o entendimento das especificidades destes sujeitos, e traz para o cerne das discussões, o fato de como a ideologia urbana foi influenciando as lógicas do lugar, mas também, como isso foi cenário para uma série de incentivos em políticas públicas governamentais para o “desenvolvimento”.

Diferente das Minas, com a exploração do ouro e dos metais preciosos, é nos currais de bois que se formam os Gerais, o sertão. Constituem-se entre tantos lugares, suas gentes, suas identidades, seus modos de vida.

PENSANDO O SERTÃO NORTE MINEIRO COMO PRODUTOR DE SABERES, IDENTIDADE E TERRITORIALIDADE: UM CONTRAPONTO ÀS LÓGICAS DESENVOLVIMENTISTAS

Lopes (2012) coloca o lugar norte mineiro como um lugar de multiplicidade de sertões e agentes, assim:

Aprender o sertão norte mineiro em sua totalidade exige não apenas mergulhar e decompor cada um dos seus significados de sua teia, mas concebê-lo, antes de tudo, como uma estrutura de pensamento que manifesta suas ideias e símbolos, assim como a imediata apreensão de sua visão de mundo e o seu ordenamento da realidade (LOPES, 2012, p. 358)

Nesse sentido, é preciso superar as lógicas desenvolvimentistas que colocam o sertão norte mineiro como lugar de atraso e expulsão e buscar compreendê-lo como lugar produtor de saberes, identidade e territorialidade.

Cabe pontuar, que entendemos o território, a partir de Little (2002) como uma área demarcada onde um indivíduo, ou uma coletividade exerce seu poder. Assim, qualquer território é resultado de processos políticos e sociais. O autor coloca o processo de *territorialização* como esforço coletivo de um grupo social, para ocupar, usar, controlar e de identificação com uma parcela específica de seu ambiente biofísico.

Na mesma vertente, Almeida (2004) pontua que a territorialidade é um resultado da identificação da defesa e força, avigorando os laços de solidariedade e regras estabelecidas dentro de um grupo.

Desse modo, entendemos que a *territorialização* é o processo que tem a ver com a necessidade do ser humano de estabelecer relação com o lugar onde vive, o ambiente, as pessoas, ou seja, é o processo de identificação e de construção de identidade. Porém, compreendemos que essas identidades são acionadas em momentos de conflitos, quando são contrapostas, o que remete dizer que a identidade está relacionada à representação, a classificação, mas também a oposição, a distinção e ao enfrentamento. É quando entendemos o que o outro é, e quando dizemos o que somos, para reafirmar o que não somos.

Assim sendo, os povos do sertão norte mineiro, que por muito tempo viveram na invisibilidade como estratégia de manutenção dos modos de vida, a partir da invasão dos grandes grupos empresariais e fazendeiros – endossados pelo estado – viram a necessidade de articulação e construção de estratégias para garantia do território (LITTLE, 2002).

É no sertão norte mineiro que esses grupos sociais que o habitam constroem um caminho de auto-afirmação. Se auto-afirmar coletivamente como geraizeiro, vazanteiro, caatingueiro, quilombola, veredeiro, instrumentaliza legalmente a reivindicação pelo território.

E é somente na resistência e na luta que esses grupos vão contraponto às lógicas desenvolvimentistas, uma vez que “sem a luta não há a permanência dos guardadores do lugar, o “outro” que cruzou a fronteira impõe modos e práticas que culminam com o desmantelamento das organizações já estruturadas” (LOPES, 2012 p.364).

A MIGRAÇÃO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA NO LUGAR E AS REDES DE RELAÇÕES SOCIAIS

Permeando esse processo de luta, entendemos a migração como uma dessas formas de resistência para a permanência no lugar. Em nossa pesquisa buscamos compreender as redes de relações sociais formadas pelos migrantes, a partir da

experiência de famílias que vivenciam a migração para o trabalho nos municípios de origem e em algumas capitais receptoras.

Os municípios de origem são: São Francisco, Mirabela e Porteirinha e as capitais de destino: Brasília, Belo Horizonte e São Paulo. É importante salientar que o que apresentamos são resultados parciais, visto que a pesquisa ainda está em desenvolvimento.

Nos propomos verificar o papel das famílias nesses trajetos migratórios, analisando a construção e a interação em rede, especialmente através das relações sociais históricas efetivadas no cotidiano por meio dos contatos, dos vínculos e das ajudas.

As relações de parentesco e reciprocidade, já vêm demonstrando destaque durante todo o processo, pois, as migrações se iniciam e, sobretudo, se perpetuam através de redes sociais de informação, onde essas relações de afinidades proporcionam uma facilidade para a entrada de novos migrantes, como também, a confiança para o início dessa empreitada. O que Woortmann (1990, p. 222) classifica como *rede social de apoio*, onde os primeiros a migrar para garantir o retorno precisam conhecer o destino e entender como conviver no novo espaço social e assim facilitam e divulgam para que outros possam vir a migrar.

Carminha moradora do bairro rural Sagrada Família do município de São Francisco, é um exemplo, de várias pessoas que ouvimos ao longo das pesquisas de campo. Ela nos conta que saiu para Belo Horizonte para trabalhar como doméstica, uma vez que sua filha havia saído primeiramente e conseguido esse emprego:

Foi com minha filha que fui. Mas, é por isso que eu vou falar com você que tem pessoa lá que sabe o que fala: ah se fulano vim eu consigo um serviço aqui pra ele, então através disso, meu menino mesmo foi, foi assim através de outro que trabalhava lá e levo ele, encaixou ele. Então é por isso que eu falo que um vai passando pros outro. (27 de julho de 2017, sic.)

Assim como a Eliomar de 32 anos, do Quilombo Burití do Meio², São Francisco-MG, que foi trabalhar como doméstica em Brasília, tanto pela curiosidade de conhecer o lugar que muitos de seus familiares já estiveram, como pela vontade de conquistar seus sonhos,

Uai, eu fui no intuito de trabalhar e até mesmo por curiosidade que todo mundo saia aqui do lugar, porque na época meu pai era vivo, hoje ele é falecido, na época ele era vivo e dava assim o básico pra nós, ele dava, aí eu estudava na época, e falei assim: eu tenho curiosidade pra conhecer essa cidade e fui pra essa cidade, pra Brasília (27 de julho de 2017, sic.)

O processo de sair do sertão para outros mundos pode parecer um movimento de quebra, de perdas, de rupturas, porém, nos nossos trabalhos de campo encontramos também um outro lado, a migração nos é revelada como processo de resistência.

A migração de camponeses não é apenas consequência da inviabilização de suas condições de existência, mas é parte integrante de suas próprias práticas de reprodução. Migrar de fato, pode ser condição para a permanência camponesa. (WOORTMANN, 1990, p. 35)

² A comunidade Quilombola Burití do Meio fica localizada na área rural do município de São Francisco-MG, que foi certificada pela Fundação Palmares em 2004. Durante anos o quilombo vem sofrendo processos de encurralamento por fazendeiros da região. Tem no artesanato de barro a principal fonte de renda das famílias da comunidade.

Percebemos que com todo esse processo de rupturas com o embate entre a lógica capitalista e tradicional, o sertanejo vai se adaptando para reprodução dos seus modos de vida, porém, a resistência no lugar de origem muitas das vezes se inscreve com e na migração.

Dessa maneira, compreendemos que a migração tem se mostrado como forma de defesa daqueles que vivem no sertão norte mineiro e partem em uma travessia na busca de melhores condições de vida e da manutenção da família. Há um complexo de formas, maneiras, motivos e destinos, porém o que fica claro são as transformações que esse processo acarreta.

Os tipos de migrações abordadas aqui são as internas e destinadas para o trabalho. Elas geralmente objetivam a aquisição de dinheiro para a reprodução da vida, bem como as novas demandas, por exemplo, a compra de algum eletrodoméstico, veículos, reforma da casa, ou algo já predeterminado.

Os destinos e os trabalhos se relacionam. Quando vão para as capitais, ou cidades mais urbanizadas da região, geralmente se empregam na construção civil, trabalhos domésticos, e em ocupações que exijam pouca qualificação formal, ou seja, tornam-se mão de obra barata. Quando vão para outras áreas rurais, se empregam em trabalhos agrícolas, plantações como: cana, café, hortifrúti, grãos, etc.

Nestas travessias temos aqueles que partiram e ficaram no lugar de destino, há quem não pense em voltar e outros que mesmo depois de décadas migrando sonham e são motivados pelo retorno.

Além das partidas “permanentes”, nossos estudos apontam para as migrações temporárias, muito presentes na região elas acontecem todos os anos de forma previamente planejada, onde saem por um período determinado em busca da reprodução da vida. “[...] essas migrações combinam ciclos agrícolas distintos. São migrações completamente dominadas e ritmadas pelo tempo cíclico das estações do ano, do plantio, do crescimento e da colheita dos produtos agrícolas.” (MARTINS, 1988, p. 50)

Nesse sentido, as migrações temporárias foram percebidas também como forma de resistência.

A saída essencialmente temporária continua sendo utilizada como estratégia para manter a terra, enquanto morada, meio de sobrevivência, patrimônio e, sobretudo, enquanto lugar, isto é, enquanto materialização de relações sociais e simbólicas. (PAULA, 2009, p. 137)

A migração é um processo social complexo, não é um mero deslocamento geográfico e muito menos uma caminhada individual, mesmo que apenas um sujeito da família migre, o contexto familiar está presente durante todo o processo. O migrante convive com costumes distintos dos seus, e quando retorna, mesmo sem ter a compreensão, já não é mais o mesmo que partiu e não encontra as pessoas da mesma forma que as deixou. Os sujeitos partem cheios de expectativas, deixam as dificuldades e procuram no destino a prosperidade.

Nas nossas iniciais conversas e entrevistas percebemos que os acontecimentos não são só colocados de formas positivas. Não é somente ir e vir, a nova experiência gera impactos de realidades, ruptura de relações que não se refazem novamente com a volta. Aquele que retorna já não é mais o mesmo que se foi e passa a viver em duplicidade, um estar aqui e um estar lá.

Assim, alguns questionamentos vão surgindo: o que provoca essa migração no lugar de origem? A relação de mundos diferentes tira o sentimento de pertencimento ao sertanejo? Os migrantes perdem a identidade sertaneja?

Assim como a abordagem de Augé (1993) sobre lugar, a perspectiva de Massey (2000) nos é oportuna. A autora faz a opção de analisar essa categoria de forma progressista, um sentido global do lugar. Para ela é possível manter a noção de singularidade e enraizamento, mesmo com a globalização e a compressão tempo e espaço. Lugar não é estático; não precisa de fronteiras de divisões demarcatórias; não tem identidades únicas, ele possui conflitos internos e nada disso nega sua importância e singularidade.

Em suma, há uma ligação do lugar com os outros lugares, sendo assim, as migrações modificam sujeitos e lugares, mas a identidade sertaneja se mantém. Mesmo com as mobilidades percebemos a resistência de alguns traços, a procura da comida que recorda os tempos em casa, dos hábitos, gostos, do fato de morarem próximos dos parentes e conterrâneos, tudo isso corrobora para manterem a territorialidade mesmo estando em trânsito, em movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso intuito neste trabalho foi trazer a luz categorias importantes para a compreensão do sertão norte mineiro, por isso, a todo momento, ao passarmos pelos caminhos dos Gerais, adentramos em estudos sobre lugar, identidade, tradição, cultura, território e assim atravessamos pelas migrações do lugar. A pesquisa está em construção, e oportuna um debate sobre uma temática que se mostra diversa e complexa, deste modo, temos a ciência de que o assunto aqui não se esgota e que há mais coisas a serem compreendidas nesse processo.

Percebemos que a região foi e/ou é dominada por vários estigmas, um deles é a seca, apresentada como o grande mal do semiárido, como a causa da impossibilidade de desenvolvimento e pobreza em vários aspectos, transformando assim, o lugar em um lugar de expulsão.

No entanto, vimos que com as propostas de superação destes entraves através da SUDENE e da modernização do campo, tivemos como resultado entre tantas outras coisas, o estímulo aos deslocamentos populacionais, que desloca a pessoa mais do que de um ponto a outro, mas juntamente seus modos de vida, trabalho, identidade, um movimento que carrega grandes e diversas complexidades. As respostas para os questionamentos feitos sobre desenvolvimento e seca nessa região brasileira se encontram dentro das próprias comunidades, que se reproduzem socialmente, vivem e convivem no lugar. Viver no sertão não é algo impossível, contudo, é imprescindível que as suas políticas deixem de se tornarem áridas.

Assim, além da luta política dos povos e comunidades tradicionais, como forma de se manterem em seus territórios, destaca-se a migração também como uma dessas maneiras de resistir. É um processo de sair para resistir, que mesmo com data marcada de retorno, transforma e modifica aqueles que partem e que ficam, a ausência é sentida por ambos, mas entendemos que mesmo em interação, relações e mobilidades, o lugar de significado não acaba. A identidade sertaneja, ou as demais categorias acionadas, não são estáticas, mas é a forma de se contrastar, de impor e de perpetuar a cultura.

Na migração a temporalidade está presente em todo o processo, do migrante temporário que vai e volta, mesmo vivendo a vida toda de chegadas e partidas, até aqueles que foram e ficaram, mas buscam o sentido de estar em casa, onde mesmo anos fora continuam sonhando com o retorno.

Migrar não necessariamente significa fuga e ruptura, no norte de Minas demonstra ser um processo de resistência, processo esse que forma e perpetua através de uma rede de relações sociais, que como uma teia vai sendo tecida historicamente e a todo o momento. A saída do lugar de origem geralmente só acontece com apoio de

outro familiar que anteriormente traçou o mesmo caminho e assim de forma cíclica novos migrantes vão sendo incorporados. No lugar de destino percebemos que a rede não se desfaz, ao contrário, é procurada para que o sentimento de pertencimento exista.

Portanto, as migrações vão se tornando parte do cotidiano e o retorno, quase sempre intrínseco ao processo, demora, quando se vê a “*travessia durou só um instantezinho enorme*” (ROSA, 1994, p. 558) e transformou aqueles que partiram e que ficaram, pois durante a travessia, essas pessoas vão criando estratégias, saberes e redes fundamentais para a manutenção do processo.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG. Ao Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. W. B. Terras Tradicionalmente Ocupadas: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum. In: **Terras de Quilombo, Terras Indígenas, ‘Babaçuais Livres’, ‘Castanhais do Povo’, Faxinais e Fundos de Pasto**. Coleção Tradição e Ordenamento Jurídico, vol. 2, PPGSCA-UFAM, Manaus, 2006.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1993.

COSTA, João Batista de Almeida. Cultura Sertaneja: A Conjunção de Lógicas Diferenciadas. In: SANTOS, Gilmar Ribeiro dos (org). **Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas**. Montes Claros: BEST, 1997.pp.77-95.

_____. Identidade Norte-Mineira: Assuntando sua especificidade regional nos estudos de Nação. In: **Revista Verde Grande** (Unimontes), v. 1, p. 29-40, 2007.

ESTEVA, Gustavo. “Desenvolvimento” In: W.Sachs (org.) **Dicionário do Desenvolvimento: Um guia do Conhecimento como Poder**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LITTLE, Paul E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade**. Trabalho apresentado no SIMPÓSIO “NATUREZA E SOCIEDADE: DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS PARA A ANTROPOLOGIA”, na 23a Reunião Brasileira de Antropologia, Gramado, RS, 19 de junho de 2002.

LOPES, Camilo Antonio Silva. 2912. “Desmistificando metáforas e construindo saberes: do sertão aos sertões ao sertão nortemineiro”. In: COSTA, João Batista Almeida; LUZ, Cláudia (orgs). **Cerrado, Gerais, Sertão: Comunidades tradicionais dos sertões roseanos**. São Paulo: Intermeios; belo Horizonte: FAPEMIG; Montes Claros: UNIMONTES, p. 353-365.

MARTINS, José de Souza. O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: **Não há terra para plantar neste verão**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

_____. **Capitalismo e Tradicionalismo: Estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil**. São Paulo: Pioneira. 1975.

MASSEY, D. *Um sentido Global no Lugar*. In: ARANTES, A. (org.). **O Espaço da Diferença**. Campinas: Papirus, 2000. P. 176-185.

PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de. **Integração dos migrantes no mercado de trabalho em Montes Claros, Norte de Minas Gerais**: “A Esperança de Melhoria de Vida”. 2003. 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 2003. Disponível em:
<http://www.lagea.ig.ufu.br/biblioteca/dissertacoes/DISSERTACAO%20ANDREA%20MARIA%20NARCISO%20ROCHA%20DE%20PAULA.pdf>.

_____. **Travessias...** Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas Gerais. 2009. 350 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 2009.

RODRIGUES, Luciene. Formação econômica do Norte de Minas e o período recente. In: OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins (org.), et al. **Formação Social e Econômica do Norte de Minas**. Montes Claros: Ed. Unimontes. 2000.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SAYAD, Abdelmalek. **A Migração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, José Graziano. **O que é questão agrária?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

WOORTMAN, Klaas. **Migração, família e campesinato**. Revista Brasileira de Estudos de População, jan./jul. 1990. p. 35-53. Disponível em:
https://www.rebep.org.br/revista/article/view/546/pdf_520.

Recebido para publicação em 7 de junho 2018
Aceito para publicação em 10 de julho de 2018